



## **POR IDENTIDADES QUE NÃO SUBTRAÍAM O HUMANO NA CIDADE**

Josevânia Nunes Rabelo<sup>1</sup>

### **RESUMO**

A cidade como representação máxima da ação do ser humano no espaço não fica imune às condições idealizadas do consumo, desenhando muitas vezes trajetórias da fragmentação dos indivíduos em pequenos blocos. Porém, arrastá-la apenas nessa posição de interação uniforme de sustentação mercadológica, seria impor aos cidadãos uma desapropriação de outros tipos de pertencimentos sejam eles quais forem. Afinal, o espaço urbano faz o deslocamento da esfera privada para um espaço de visibilidade, mesmo se queremos ou não aparecer. Ali estamos delineando uma coreografia urbana quando elegemos lugares não apenas de passagem, mas, de entrecruzamentos com o diferente. Essas categorias correspondentes às marcações do moderno elaboram subjetividades que podem ser encontradas nos espaços urbanos em forma de âncoras nos encontros festivos, por exemplo. A cidade, portanto, não deixou de ter encantamentos e são esses detalhes que instigam, ainda, uma procura de sentidos para a espacialidade urbana. Por esse viés, consideramos uma característica humana a construção identitária quando não descarta as percepções mais coletivas de usos dos lugares. E, para as considerações expostas, nós iremos utilizar Calvino (2003) que demonstra, em um diálogo de romance, a cidade como “páginas escritas” e Benjamin (2011) que a enxerga como um livro a ser escrito pelas evocações dos trajetos percorridos. A apreensão dos dois autores não exclui a semelhança de que um e outro faz referência das ruas em suas dimensões significativas e de memória, dando uma compreensão de caminhada quase solitária e ao mesmo tempo recoberta de símbolos compostos por vozes distintas.

**Palavras-chave:** Identidade. Uniformização. Espaço Urbano.

---

<sup>1</sup> Professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. Msc. em Sociologia pelo PPGS/UFS. josevaniarabelo@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

### 1 - UM “EU” EXPANDIDO NO ESPAÇO URBANO

A identidade relacionada aos espaços urbanos deve ser colocada dentro de uma esfera diversificada e em movimentos menos estáticos, considerando a rapidez das mudanças de posições dos próprios expoentes de uma representação cultural e/ou política. Ali nada pode ser congelado em uma espécie de catalogação essencialista e há muito ultrapassamos esse ideal encapsulado em algo definidor. Talvez, a configuração das relações seja desde sempre uma multiplicidade, e a vinculação de uma referência tenha advindo apenas da vontade de nos sujeitar em uma dimensão do coletivo, – seja no âmbito do Estado como também da vida social após a crise do nacionalismo – ao ser colocado em paralelo com os processos de ressurgimento de identidades antes subjugadas. Todos esses fatores nos levam a uma inquietação sociológica de sabermos em que ponto nós estamos, e, se iremos percorrer um traçado de diminuição dos contrastes nas maneiras de viver no urbano, tendo por apelo os ícones uniformes da espacialização. E, nesse caso, a segregação urbana é o indício mais recalcitrante, dividindo a cidade entre os de dentro e os de fora dos cânones da necessidade de sobrevivência. Nisso, sabemos das distinções e o recorte do território pela máquina lucrativa do capitalismo, a fazer do solo um mapa mais apropriado para o desenvolvimento das desigualdades de todos os tipos, desde a material à simbólica.

Por isso, quando pensamos na noção de um “eu” expandido no espaço urbano, queremos apontar para as subjetividades compartilhadas nele. Para isso não deixaremos de colocar a efemeridade desses acontecimentos, até pelo motivo de que a modernidade foi justamente associada ao transitório e ao fugitivo por Baudelaire (2001), não deixando de retirar disso o eterno, segundo o mesmo autor. Então, vemos que cada época tem um presente a ser observado para não ficarmos paralisados em colagens de outros períodos. Aprendemos a necessidade de perceber as transformações em suas características mais ambíguas. Assim, foi o movimento que deu origem às andanças singulares no espaço urbano e a vontade de esquematizá-lo, por uma operação racional dos ordenadores dele, que fez das ruas um ponto de

destaque para percebermos as ações humanas em contrastes ou não com esses planos elaborados. E seguimos a original lição de Balzac (1855) no sentido de compreender o povo<sup>2</sup> nas ruas sem o sentido amorfo e degenerado de uma cópia, mas, esmiuçando as boas e as más ações humanas. Isso, sim, é uma forma de enxergar as ações realizadas nos itinerários menos por uma espécie de anulação do caráter humano e mais na via de encontrar onde “vive a vida, sonha a vida, sofre a vida” Baudelaire, 2007, p. 191)

Sem querermos ser acusados de utópicos pelas imagens de estabelecimento de contatos significativos na rua, mesmo em determinadas ações de grupos, lembremos da célebre descrição da paisagem urbana por Poe (1999), em que o autor percebe a infrutífera tentativa de descobrir quem é o outro. Ali o espaço a ser preenchido é o do inteligível como fuga a ser executada no desconhecido dos esbarrões de gentes de todos os tipos. Esses habitantes são uma espécie de vencidos, mas que “Recusa-se a estar só. É o homem da multidão.” (1990, p. 189). E, colocado na perspectiva de indivíduos mais trancados em suas condutas, a ideia de compartilhar é uma indicação momentânea e que poderá ser recorrente como as diversas ocasiões de apropriação de um espaço na conotação de demonstração de poder – seja ele do povo, da elite ou misto. Deixando isso transparente, a questão colocada de uma possível vida do espaço urbano deve ser compreendida a partir de mecanismos contingenciais. Significando que entre as percepções do indivíduo, de uma sociabilidade ancorada em territórios urbanos e a possibilidade de descrição analítica dele a partir de um discurso da ciência, ocorre, na maioria das vezes, a mudança de quem era observado. Essa constatação indica a narração literal de Poe (1999) quando ele sente e desconfia da incomunicabilidade da multidão. Ninguém seria capaz de descobrir o motivo da prática de um trajeto no “coração” de um ser humano em uma variedade de posições. Assim, notamos também a identidade demonstrada nas metrópoles; elas são voláteis e ao mesmo tempo algumas adquirem uma característica uniforme, ultrapassando as fronteiras de países. São as marcas de um mundo em processo de descontextualização no espaço e tempo, englobando fenômenos abrangentes e sem delimitações rígidas.

---

<sup>2</sup> Significando pessoas comuns em lutas diárias.

Logo, seguimos essas conduções demarcadas por uma aposta na cidade como palco de atividades do convívio humano. E, o fundamental será composto das noções imagéticas de Calvino (2003) e Benjamin (2011) da urbanidade. Para irmos em uma companhia do olhar o mais apurado possível em temáticas duras do real como também do imaginário e compostas das condutas percebidas no entorno das cidades. Cabendo um receoso cuidado no alinhavo dos dois autores, principalmente quando estamos apenas no campo da interpretação. Cabe salientar ainda a preferência de trabalhar, no desenvolvimento desse artigo, com um e depois o outro. A escolha desse formato foi a tentativa de melhor administrar o encadeamento das concepções, sabendo que, mesmo assim, o desfecho será realmente o estabelecimento do diálogo paralelo deles.

Abriremos um parêntese para explicar a existência de contrapontos naquilo colocado como real. Afinal, trabalhamos em uma perspectiva sociológica de desencontros teóricos, contudo, de perfeita harmonia com a complexidade societal. Nisso, a entrada para a questão urbana tem também como característica a globalização quase uniforme nas constantes interferências de simulacros (Baudrillard, 1991), a serem as próprias instâncias do real inexistente. Seguindo essa posição, poderíamos perguntar qual o interesse em procurar compreender a identidade, quando ela mesma está em descrédito e programada em caixas de faz de conta? Essa apreensão na realidade demonstra mais dúvidas, e, não um indício de uma simples constatação objetiva. Quebrar as cortinas de ferro colocadas na dura estrutura da razão materialista pode ser o percurso de compreendermos alguns lugares adornados em ângulos de outros tipos de satisfações. E lembrando Calvino (2003), apostamos na condição humana, que evita o desmoronamento das mínimas rédeas necessárias ao convívio espacial, mediante “a filigrana de um desenho tão fino ao ponto de evitar as mordidas do cupim” (p.5). Esse desenho está em cada atividade realizado no espaço urbano que colide com as conformações de poder apenas centralizado na perspectiva de um único poder: o do consumo. E, talvez, seja essa uma indicação para a ciência que tenta observar a cidade pela característica humana de uma linguagem em confronto aos esquemas da racionalidade expressivos dos ganhos estritamente econômicos.

Para isso temos que buscar em outras fontes encadeamentos menos fechados, mas, com a noção de não cairmos dentro das linhas estranhas ao conhecimento científico. Não é sem nexos a consideração de Becker (2009) de destacar a literatura para dialogar com a sociologia. Esse autor percebeu e analisou, de forma prima, como uma e outra se ajustam por meios da leitura da conduta social. E quando analisou o livro “As Cidades Invisíveis”, o considerou um mapa de ordenação para pensarmos o espaço. A evidenciar que em cada cidade desconhecida a ser comparada com outra, tem uma dentro de nós conhecida e, nessa relação, de desconhecido e conhecido o núcleo da abstração estar em fazermos uma descoberta conjunta de quem somos nas rotas dessa experiência (Calvino, 2003). Becker (2009) também considera a definição de Calvino (2003) que existem cidades feitas de “desejos e medos”. E o campo do desejo é a identificação com algo e o medo, talvez, sempre tenha uma estreita associação ao diferente. Dessa forma, pretendemos colocar a cidade no jogo de construção e reconstrução até mesmo identitária, quando não vem a ser destruída na subjugação de uma única demanda. Dito de outra forma: alguns territórios fazem uma parte de nós e não podemos apagar os caminhos ao andarmos, mesmo sem a devida atenção ao acoplado nos cantos desse tipo de ruas.

Por isso, Calvino (2003) e Benjamin (2011) impõem para nós, sociólogos, desafios aparentemente contrários às nossas percepções de mundo societal. Os dois recortam as ambivalências das experiências, deixando escapar na espacialidade e no tempo matizes de sentido humano. Ou seja, por mais *spleen* (Baudelaire, 1992) ou *blasé* (Simmel, 1997) evocados pela rua, existem também as conexões singulares de alguns acontecimentos da vida ordinária de um bairro e em correspondência positiva a esses sentimentos de tédio e excentricidade. É essa a marca que queremos registrar ao fazermos uma junção das categorias: a uniformização no mundo global e a identidade em espaços urbanos. Deixemos transparente que não iremos adentrar a ideia de minorias, – totalmente válida ao exercer o direito polissêmico de voz – porque estamos em modelo interpretativo geral. Seguiremos uma abordagem teórica dentro da perspectiva da cidade e com os dois autores em destaque: Walter Benjamin e Ítalo Calvino. Uma forma de auscultar os ruídos das ruas sem especificar a cidade X ou Y, em uma tentativa de associação representativa para o leitor que terá a liberdade de imaginar um espaço urbano qualquer, dentro dos limites da cidade moderna e plena

de símbolos por toda parte. Lembrando o que Canclini (2008) denominou “culturas híbridas”, sendo uma forma de destacar a não pureza dos fenômenos sociais. Como também o autor não as trata por um ideal generalizado em uma igualdade cansativa e de um centro de poder, ao contrário, elas projetariam a “interculturalidade”. Sendo a dinâmica social enviesada por diversos aspectos e até mesmo de resistência aos interesses de diálogo caracterizado por um único emblema. Assim, temos desde já a indicação da potencialidade de uma cidade, mesmo em seus contornos mais obscuros ao pensarmos nas trincheiras de desigual convívio, parecendo levantar uma voz uníssima de salvamento para os habitantes.

## **2 - ENTÃO, O QUE APRENDEMOS COM CALVINO E BENJAMIN?**

O ponto a ser trabalhado são dois: As Cidades Invisíveis de Ítalo Calvino (2003), tendo um narrador em terceira pessoa, Marco Polo e o próprio interlocutor Kublai Khan em primeira pessoa, e as análises de Nápoles, Moscou e Paris de Walter Benjamin (2011) dentro da não-convencional escrita de “imagens do pensamento”. A explicação de não avançar por outras obras é a de que optamos pela tentativa de sermos o menos possível em ousadia quantitativa, compreendendo que os dois autores são ricos em todas os livros escritos. Enfim, já é arriscado tentar trabalharmos eles dois, porque um se direciona para a literatura e o outro tem o embasamento da ciência e uma concepção atenta sobre a realidade a ser desdobrada pela dialética do real e do imaginado, mesmo quando trabalhou com os textos literários. A posição é colocar a correlação desses dois meios e tentar absorver uma compreensão de imagens escritas sobre a cidade. O plural, nessas duas vias, é justamente a necessidade de sabermos que o espaço urbano tem a capacidade de sedimentar tipos distintos de processos. Sendo um referencial de variedade mutável em convergência com as práticas e jeitos dos moradores. Por isso, introduzimos a ideia de um contraponto à uniformização a partir da conjunção de um pensamento da modernidade do início do século XX e do final do mesmo, rastreando o significado de uma cidade. Logo, a aprendizagem a partir desses autores tem por proposição alargar a visão dos diferentes processos elaborados nas ruas, bairros e cidades.

Assim, Calvino (2003) quer nos falar algo sobre as cidades e cada uma de suas exposições a colocam em um extenso quadro de ações humanas. Significando uma caracterização identitária dos espaços trilhados e afirmados na conjugação de atividades dos habitantes, estabelecendo uma centralidade no discurso das cidades por ele nomeadas. Elas são unidas, de certa forma, pela urgência de uma associação entre o sonhado e o realizado. E como o autor sublinhou as cidades estão em eternos círculos de construção e desconstrução. Sendo algumas mais fortes no desenvolvimento de uma identidade e outras menos, porém, estão sempre embaralhando os habitantes em suas teias de convívio. E para Marco Polo o que predomina nas formações delas pode ser decifrado na vontade de uma viagem de conhecimento, condizente aos anseios de compreender as dinâmicas mais distantes de forma aproximada. Quando a escavação está bastante extensa, nós percebemos que só conseguimos um pouco de entendimento do espaço, porque é inatingível toda a reflexão de rupturas acontecidas dentro dos traçados dela: “A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata.” (p. 7)<sup>3</sup>. E como Becker (2009) enfatiza, a sociologia deve aprender com essas metáforas expostas no livro. Ali estão trilhas de reconhecimento de cidades contemporâneas, significando que o livro anula a questão temporal específica ou nos faz repensar na circularidade de problemas e encantos desde quando o ser humano resolveu viver em cidades. Talvez, também a tentativa de conhecimento do imperador Khan pelas frases enigmáticas do estrangeiro Marco Polo identifica uma espécie de territorialidade sem proprietários. Apesar de todas as indicações de penúria desse império, Marco Polo traz com muita perspicácia de detalhes uma noção de caminhos próprios de cada uma delas. Pegaremos pouquíssimas cidades para fazer uma observação de caráter sociológico; primeiro, a intenção não foi dissecar o livro por uma abordagem específica de todas elas; segundo, escolhemos as mais emblemáticas para as temáticas (identidade e uniformização) da mesma forma que operamos em Benjamin (2011).

Becker (2009) também destaca como Calvino (2003) utiliza da ambiguidade. E segundo Becker (2009) a vida social deve ser abordada como um repertório narrativo de amplas análises. Isso não significa levar para a sociologia uma dimensão absurda de imagens apropriadas apenas para uma leitura atraente aos cânones da fantasia.

---

<sup>3</sup> Quando colocarmos somente a página, estamos nos referindo ao livro “As Cidades Invisíveis”.

Ao contrário, a questão é perceber até onde o método clássico responde aos desafios da linguagem social e qual caminho tomar no momento de distanciamento dos fenômenos sociais em relação à teoria mais fechada. Entendemos isso como a complexidade da própria ciência sociológica. Sendo uma espécie de abertura controlada, porque os riscos de interpretações soltas devem ser evitados. Nisso, Calvino (2003) foi genial quando compõe o quadro imagético dos seus espaços. Temos a sensação de estarmos caminhando por entre as ruas, então, podemos considerar que entre Kublai Khan e Marco Polo existe a inferência de dois homens tentando um conhecimento de onde estão. Compartilhar essas subjetividades vividas e imaginadas é o essencial para eles, em um tipo de apreensão da realidade, que pode ser composta pela ideia de sentir o tempo a transcorrer nas cidades. Agora, passemos para os exemplos, fazendo um passeio por algumas delas e em companhia de Calvino (2003).

Em *Despina*, nós vemos a configuração das distintas caracterizações de uma cidade, para o cameleiro ela é uma embarcação e para o marinheiro ela é um camelo, indicando um desejo que se distancia de quem você é. Para Marco Polo “cada cidade recebe a forma do deserto a que se opõe” (p. 10), indicando a construção de uma identidade a partir de eixo escolhido de diferenciação. Não esquecendo que temos dois tipos de habitantes a partir da chegada: um vem pelo mar e o outro pela terra e cada um deles enxerga o contraponto da própria realidade. Assim, temos a indicação de que a vista de uma cidade depende dos anseios dos moradores, possibilitando inúmeras variações. Se nessa temos colocados dois sentidos aparentemente ajustados, temos a imagem evocativa de constante transformação de Fedora (p. 16), parecendo que ela tenta suprir a falta de identidade ao fazer a cada instante um projeto fantasioso dela mesma. Não é uma espécie de real x imaginário, mas, a indicação da impossibilidade de esquematizar de forma absoluta um espaço urbano, lembrando a rapidez do movimento e as linhas a deixarem de ser tão retas. Sendo creditável para ela a seguinte constatação: “uma reúne o que é considerado necessário, mas ainda não o é; as outras, o que se imagina possível e um minuto mais tarde deixa de sê-lo.” (p. 16), em que notamos o mutável do pensamento sobre a cidade. Portanto, se deciframos em *Despina* dois códigos (cameleiro x marinheiro), em Fedora, “as esferas de vidro” do museu, servindo de preservação para todos os projetos da Fedora futura



já constituída em passado, a cidade de “pedra” não é mais que o desenrolar de um presente nunca homogêneo para a totalidade dos moradores, sejam eles organizadores do espaço ou não.

Zobeide indica essa busca do irrealizável de uma cidade, onde homens, de vários países, resolveram construir uma cidade no objetivo da captura de uma mulher que estava sendo perseguida por suas ruas. Porém, com todas essas metáforas o autor instiga a pensarmos em um processo que leve a um espaço urbano menos delineado pelos sonhos de cada nação aportada e mais parecido com as necessidades reais de uma possível Zobeide de todos. Uma vez que, Marco Polo afirma: “Os recém-chegados não compreendiam o que atraía essas pessoas a Zobeide, uma cidade feia, uma armadilha.” (p. 21). Em outra cidade, Cloé, o narrador destaca a cidade do subterfúgio, ali ninguém estabelece contato. Poderíamos pensar em qualquer cidade global, em que quase todos se esbarram e poucos estabelecem algum aceno de vida. Mas, como o viajante é um exímio observador das sensações humanas, ele não deixa de destacar a efemeridade das fantasias de cada um de seus desencontros. Assim, mesmo a cidade grande não impede as narrações do indivíduo nesse burburinho enlouquecedor das multidões. Ou como Poe (1999) coloca em o “homem das multidões” é o desconhecido a sinalizar apenas a existência de um espaço urbano em crescimento e a corrosão dos contatos diretos. Contudo, apropriado para a formulação de mundos fantasiosos, deixado transparente na narração: “consumam-se encontros, sedução, abraços, orgias, sem que se troque uma palavra, sem que se toque um dedo, quase sem levantar os olhos.” (p. 24). Esses sonhos servem de conexão, mas, não os desejem reais porque eles acabariam, segundo o narrador, com a fantasia da cidade.

E seguindo a viagem narrativa, paramos em Clarisse que tem a fragmentação a sua referência principal, lembrando a instabilidade dos espaços urbanos. Uma vez que, Clarisse passou por diversos processos de apogeu e decadência, ela se reinventa sempre a partir da primeira Clarisse. Seus habitantes “agarravam-se a tudo o que podia ser retirado de onde estava e colocado em outro lugar com uma outra utilidade: (...) (p. 44)”, iniciando um trabalho de construção das novas Clarisses. Essa colagem em excesso dos utensílios, trazidos das outras Clarisses extintas, significa uma forma de montar um espaço urbano nos restos dos seus escombros. E ao mesmo

tempo a manutenção do modelo da primeira Clarisse como cidade irrealizável, nos permite perceber que entre o projeto de uma arquitetura urbanística de uso público e a configuração real dada pelos habitantes, poderá existir disparidades das ações ali executadas. Além disso, a constatação de que formamos um mosaico diferente a cada reconstrução, pelos fragmentos disponíveis, nos fornece a melhor ideia de preservação.

Em Adelma a ideia de memória é confusa no sentido da sensação de um já visto. Nela todos os habitantes pareciam alguém de um outro lugar. Esse excesso de encontrar algo já reconhecível fazia detectar um incômodo do espaço em que estava. Marco Polo percebe essas imagens como mortes pré-anunciadas, estabelecendo a fronteira para o mundo do além. Então, ele expressa a seguinte posição: “sinal de que o além não é feliz” (p. 41), expressando a angústia de ver todos os rostos como identificados em uma multidão, a produzir uma história de cada um que fosse olhado. Aqui, podemos perceber a associação do conhecido com o aparentemente desconhecido. Talvez, uma espécie de homogeneização depois de tantas andanças, aparecendo na atividade cíclica das viagens. Sendo que alguns espaços lembram outros, mas, no texto é colocado nos habitantes a condição de uma suposta igualdade. São eles os rastros da lembrança despertada em Marco Polo. Cada passo sendo catalogado provoca uma inquietação por ser consequência de um passado. Temos, assim, a impressão de que o tempo e o espaço estão embaraçados na composição da experiência do ser humano.

Depois desses pontos de tempo e espaço, iremos, agora, em busca de cidades que conduzem a espécie de racionalização e consumo – dois sintomas que são aderidos ao entendimento lucrativo do espaço –, demonstrando atemporalidade das narrações quando tem por destaque as problemáticas e desafios da urbanidade do século XXI. E são essas questões do livro de Calvino (2003) que proporciona o estabelecimento comparativo com as categorias sociológicas. Para esse ângulo, destacamos Bersabéia “avara calculadora interesseira” (p. 48) com uma imagem distorcida de si mesma, produzida pelos habitantes, uma vez que a cidade obcecada pela perfeição “celestial” não enxerga o conteúdo rico de seu “subsolo”. Enquanto ela pensa em ser um “zênite” e repudia os seus resíduos, temos a cidade terrena com a compulsiva atividade de acumular bens. Um contraste que faz pensar a segregação

especial em que muitos vivenciam uma cidade irreal dentro dos muros de condomínios de luxo, salientados por Caldeira (2000) como “enclaves fortificados”, e, a repulsão daquilo que difere e se encontra na parte denominada periferia pobre. Essas Bersabéias são movidas pela crença da existência de mundos separados e construídos na perspectiva de anularem os problemas de ordem organizativa, corroborando para a perspectiva de que a vivência em outros espaços seria uma condição inferior. É uma tendência pensar em duas cidades, nos países de intensa desigualdade econômica dos habitantes, sem perceberem a linearidade desses bairros com as outras espécies de periferias. São condições geminadas, e, uma seria impossível sem a outra, correspondendo a uma só operação de lucratividade para alguns privilegiados. Essa percepção nos convida a entender os processos da fabricação de um real elitista e que nos faz associar à Leônia. Ela é uma cidade consumista: “quanto mais Leônia expele, mais coisas acumula” (p. 49), e a partir dessa contradição vemos uma forma de organização que tem os próprios germes da destruição. Os objetos jogados são distanciados em depósitos de lixo, porém, Leônia está sempre em risco de desmoronamento. Sem esquecer de que são várias Leônias em suas habilidades de consumo desenfreado. A racionalidade dessas cidades é a de que o novo substitui o velho, mas, são incapazes de perceberem os limites da natureza.

Voltemos para ares mais amenos com Irene. Uma cidade que diria ser especial, porque ela foi vista do alto por Marco Polo e não por dentro, identificada por ele a partir das narrações de outras pessoas. E ali todos elaboram uma Irene, quiçá, realizando um desejo de espaço, mas, sem a intenção de buscar o interior dela. Nisso, Marco Polo afirma a volatilidade das imagens dos espaços para qualquer um que tente esquadrihar: “Talvez eu só tenha falado de Irene.” (p. 53). Nenhuma abordagem pode ser presa, na maioria das vezes, acabamos por fazer uma junção de elementos que caem diretamente em outros territórios. Assim, é o espaço urbano quando pensamos nas grandes metrópoles. Indicar as diferenças é uma busca minuciosa de enfrentamento aos traços semelhantes. Ao mesmo tempo, que não podemos anular a existência de identidades diversas dos territórios na expressão das opiniões dos habitantes. Já em Trude, o narrador parece descrever um não-lugar (Augé, 1994). Ele coloca que ali “o mundo é recoberto por uma única Trude que não tem começo nem

fim, só muda o nome no aeroporto.” (p.54). Podemos considerar uma forma de definir a uniformização dos espaços urbanos considerados globais. Assim, a localização foi perdida e não temos parâmetros de saber onde estamos. Sem irmos muito longe, a conformaremos na hiper-realidade de Baudrillard (1991) em que “embalsamados e pacificados”, como em Disneylândia, não encontramos o real, mas, o irreal encenado na realidade.

Outra cidade, Teodora, fez da realidade uma operação de limpeza, deixando como espécie única: o humano. Os habitantes acabaram com todo o reino animal, “ordenando<sup>4</sup>” a vida no ponto em que eles tinham desequilibrado: “não existia nenhuma outra espécie viva para recolocá-lo em dúvida” (p. 69). Essas contradições são representantes das ações humanas mais descabidas, demonstrando que mesmo o espaço urbano de pedra não deveria devorar a vida literalmente. Porém, a sina de Teodora tem uma reviravolta bastante criativa por si só, afinal, outra fauna estava saindo da biblioteca representada pelo mundo dos contos de fada. Então, vemos que para a cidade asséptica e doentia ainda tinha uma redenção pelas figuras míticas da fauna. Seria uma indicação de que o poder destrutivo do humano tem limites? Sem resposta ficaremos e vamos seguir viagem para Berenice, uma cidade justa e injusta. A questão é compreender como uma e outra são as mesmas Berenices. A obsessão pela justiça faz os habitantes praticarem os mesmos atos dos injustos, fazendo Marco Polo colocar que uma tem o germe da outra. “que todas as futuras Berenices já estão presentes nesse instante, contidas uma dentro da outra, apertadas, espremidas inseparáveis” (p. 70). Aqui, temos orgulho e a vingança dos justos se transmutando em injustos, em uma compreensão da tenuidade de qualquer extremo.

As interlocuções de Kublai Khan dão um sentido para as viagens de Marco Polo que diz compreender melhor a sua cidade (Veneza) a partir de cada canto do mundo desconhecido. Essa seria uma identidade do veneziano, Veneza o acompanhava por todas as cidades e respondendo ao imperador se “viaja para reviver o seu passado? (...) viaja para reencontrar o seu futuro?” (p. 15), Marco Polo usa da ambiguidade: “os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá.” (p. 15), nisso, vemos a justificativa de percorrer os itinerários para Marco Polo e a afirmação dos limites da reprodução

---

<sup>4</sup> As aspas significam que é essa a apreensão esdrúxula da população.

dos contextos sociais. E para um de seus ouvidos privilegiados, Kublai Khan, o narrador em terceira pessoa expõe em relação às cidades e ao próprio sentimento do imperador: “era possível percorrê-las com o pensamento, era possível se perder, parar para tomar ar fresco ou ir embora rapidamente” (p.19). Então, só podemos confirmar essa mesma assimilação advinda das inúmeras cidades transportadas para nós mediante o estrangeiro Marco Polo.

Iremos, agora, buscar em Walter Benjamin (2011) uma compreensão de leitura do espaço urbano. Seus escritos tem um poder de resumo de uma forma tão precisa que três páginas alcançam uma abrangência de análise difícil de ser encontrada em autores da ciência social. Por exemplo, ao destacar a sociedade alemã, de sua época, ele percebeu as incongruências do sistema centrado no interesse privado e ao mesmo tempo formando multidões alienadas: “a diversidade de alvos individuais se torna irrelevante perante a identidade das forças determinantes.” (p.19)<sup>5</sup>, demonstrando a uniformização da conduta em consonância ao estabelecimento de uma ordem material e simbólica do capitalismo. O autor destaca também a prioridade do dinheiro para o homem da rua, porque o mercado tem o fluxo das ações urbanas. Assim, quando imaginamos uma cidade, na maioria das vezes, pensamos onde está a parte dela de maior efervescência social e até a metade do século XX isso era bastante visível nos Bairros denominados de centros – isso não significa esquecermos dos lugares considerados da vanguarda artística, geralmente, de bastante ruído noturno. Depois de décadas, vemos que a cidade tomou uma organização mais ramificada e ficou destacado o incômodo que alguns indivíduos têm da parte popular da cidade. Esse distanciamento não é um corte entre ser totalmente diferenciado, ao contrário, sinaliza a contradição da modernidade; a perda de uma essência de aristocracia e a observação das ruas naquilo que elas nivelam: o mesmo espaço a ser usado, porém, quando inexiste as interdições efetuadas pelo pagamento de uma permanência.

Nisso estamos pensando nos lugares que abarcam ainda a concepção de público em seus usos e contra-usos (Leite, 2007). E, será nesse viés que dialogaremos com alguns traços destacados por Benjamin (2011) para as cidades de Nápoles, Moscou e Paris. Segundo o autor, os lugares são de uma mutação para o

---

<sup>5</sup> A partir desse ponto, a página se refere ao livro Benjamin, Walter. *Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 2011. (Obras escolhidas II)

entendimento, porque não conseguimos abarcar todas as sinalizações do antes e posterior olhar como únicos: “uma vez que começamos a nos orientar no local, aquela imagem primeira não pode nunca restabelecer-se.” (p. 40), e, fazendo um trocadilho entre proximidade e distância, diríamos que a metodologia, exposta nesse contexto, faz das ruas uma conexão com o imponderável. Logo, sendo uma forma de linguagem a ser decifrada e ao mesmo tempo colocada em uma posição de tradução pelo observador, nisso um processo de segunda dimensão é instalado sem ajustamentos de padrões encaixados por uma concepção totalmente regularizada. Estamos colocando apenas a inexistência de uma racionalidade única – geralmente associada às diretrizes do capital – presente nos caminhos de uma rua pública de usos diversificados. Assim, tenhamos a atenção para aquilo que na teoria benjaminiana ficou conhecido como “perde-se numa cidade”, indicando a construção de uma rota desconhecida para o conhecido.

Em Nápoles, Benjamin (2011) destaca as mudanças e as ruas como um palco de teatro. Parece que a contingência das ruas e da arquitetura fazem de Nápoles esse tabuleiro visível de transformações: “Em tais recantos mal se percebe o que ainda está sob construção e o que já entrou em decadência.” (p.139). Sobre os bairros mais pobres, ele afirma: “Aqui também há uma interpenetração do dia e da noite, do ruído e do silêncio, da luz de fora e da escuridão de dentro, da rua e do lar.” (p. 144). A perspicácia do autor em perceber que o espaço externo invade o espaço interno, a pensarmos na característica comum dos cortiços brasileiros – trabalhado na obra “O Cortiço” de Aluisio de Azevedo Essa comparação possibilita quebrar os esquemas de que somente, no Brasil, o espaço privado se estende para o espaço público, não significando a relação com o Estado para os outros lugares. Somente a ideia de uma vinculação da rua com a casa, destacado na obra de DaMatta (1997), subtraindo a relação destacada pelo mesmo autor desse poder, no Brasil, que invade os privilégios institucionais comandados pela inferência do privado. Afirmando que esse tipo de autoridade excede também para a esfera judiciária, no sentido das camadas economicamente superiores se considerarem mais propícias ao não cumprimento legal das leis oficiais.

Para Moscou, Benjamin (2011), define que enxerga melhor Berlim por ela. Parece-me que podemos aqui fazer um paralelo com Calvino (2003), na questão de

uma cidade proporcionar um conhecimento/reconhecimento de outro espaço urbano. Segundo o autor: “A selva de prédios é tão impenetrável que o olhar só distingue aquilo que brilha deslumbrantemente.” (p.147), indicando uma espécie de dureza das ruas e suas histórias que tomam um rumo de presságio político negativo. As palavras do autor ecoam sobre Moscou com um tom de um espaço fechado, a definir que somente os “trapeiros” passam pelas ruas com barulho. Outro fato fundamental é visualizado mediante o convívio das crianças nas ruas, que adquirem uma formação proletária. E elas também ficam mais próximas da arte burguesa, apreendendo os passeios pelos museus como um processo natural de entendimento da vida proletária. Apesar de toda a movimentação dialética do texto, o autor narra que são os pedintes os mais confiáveis de Moscou, porque todo resto está em transformação. Então, ele tem a destreza de perceber os excessos de poder do partido. A concentração de uma esfera de dominantes que o autor equipara a um sistema de castas. Essas apreensões de cunho político são dadas pelas ruas, em uma forma de perceber a movimentação dos transeuntes, ambulantes, vendedores etc.

Benjamin (2011) percebe a “aldeia russa” em Moscou. Afinal, Moscou estava plena de camponeses e o autor afirma que Moscou é a sua periferia. Por isso, ele também descreve que no teatro eram encenados os costumes dos camponeses. Segundo o partido uma forma de educar o proletário e o camponês. Porém, um excesso é identificado: “são sedimentos de uma existência que estimula cem vezes ao dia”. (p. 171). Aqui, temos a ideia do autoritarismo bolchevique em que perpassa uma formulação moralizante para os indivíduos. Uma necessidade de inculcar o certo e o errado nas ruas e na esfera privada. Se para o autor Moscou era vigiada pela igreja, agora, estava sendo esquadrihada pelo partido. Sendo assim, “Moscou parece tão impermeabilizada como uma fortaleza” (p. 173), onde os muros a serem erguidos são direcionados em um processo de desmantelamento de um Czar por outro Czar partidário. E foram os barracões e toda a gente em torno de recursos escassos que fizeram de Moscou uma cidade a colocar “desejos e medos” em um único espaço. São essas incógnitas de um sistema econômico e político que modifica o espaço urbano e a sua relação com o poder, fluindo em uma rota de excesso de pessoas para poucos telhados.

De Nápoles a Moscou, temos extremos de uma cidade interiorana para uma capital com distintos traçados urbanos, porém, de todos os destaques citadinos é Paris – “capital do mundo” – que Benjamin (2011) irá ficar extasiado pelas observações das ruas<sup>6</sup>. Para ele, Paris representa a literatura, porque ela está dentro dos livros, percebendo como esses lugares se inscrevem de forma primordial na narrativa poética. Apesar de ser o espaço urbano ideal para ser lido como um livro, Benjamin (2011) considera que os mapas e fotos a tornam mais precisa nos detalhes de suas ruas. É a descoberta da técnica interferindo na compreensão dos bairros. Essa racionalidade que prende a forma de enxergarmos, às vezes, um lugar. Porém, a apreensão benjaminiana nos adverte também que naquele espaço urbano são produzidos os olhares diversificados, induzindo a uma espécie de contraponto a um esquema claculado. Cada um pode ver a cidade que deseja em suas andanças, afinal, é uma cidade espelhada.

Assim, o autor afirma também que o Sena recebe “suas sólidas construções e seus sonhos de nuvens como se fossem imagens. (...) as fragmenta em mil pedaços.” (p. 187), nisso vemos o entendimento dos pedaços da composição urbana. As ruas são revestidas do frágil momento em que se colocam dispostos em inúmeros reflexos. Sendo uma cidade espelho, segundo Benjamin (2011), ela pode ser colocada na posição de visibilidade. Paris quer ser vista e os parisienses também, conformando um palco dos homens e mulheres de uma época. Podemos acrescentar que temos uma cidade ícone dos desdobramentos da modernidade, considerando essas relações inerentes às ruas parisienses: do dandysme a uma *flânerie*; o primeiro como caracterização cínica do passado, tentando vivenciar o tempo de forma meio inapropriada para a modernidade como técnica; o segundo representando uma vivência do tempo fugidio dos novos modos de sentir a velocidade dos acontecimentos, porém, com capacidade de fazer desse jogo um sentido de conexão exterior x interior. É essa liberdade, talvez, fragmentária de Paris que deixa Benjamin (2011) percebê-la na dimensão do encantamento do forasteiro. O estrangeiro que faz

---

<sup>6</sup> Esse texto sobre Paris ficou centrada na estética da cidade. Não possui a construção dialética dos textos “Paris do Segundo Império” e “Paris, Capital do Século XIX”; respectivamente, nas obras: BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas III). KOTHE, Flávio René. (org.). *Walter Benjamin*. Sociologia. São Paulo: Ática, 1991. E essas obras não foram utilizadas na construção desse artigo.



das andanças um próprio mapa, fugindo da tipografia racional de mapas. Sendo isso uma forma de fazer da cidade ainda uma catalogação de sentimentos advindos dos bairros, ruas, praças etc. Nisso diríamos que aprendemos a ver além da objetividade da arquitetura da pedra, uma arquitetura feita para os trajetos humanos.

O objetivo de trazer esses dois autores foi colocá-los naquilo que eles têm de fuga ao senso de um discurso preciso. Tanto a prosa como os textos abrem espaços para outras formas de pensar a cidade. E precisamos perceber os arredores das ruas ou o esconderijo de vida pelos duros caminhos do asfalto. Assim, fomos seguindo essas pegadas de uma referência clássica do escrever sobre os territórios. Somente queríamos forjar a escrita na zona ímpar dos dois autores, atentando para algumas questões que ultrapassaram o tempo dito moderno. Não sei se conseguimos, mas, a tentativa foi, de certa forma, um atalho de movimentação na literatura da análise urbana.

## **UMA CONCLUSÃO EM RETICÊNCIAS**

Podemos somente afirmar que a ideia de fazer essa exploração, tentando administrar uma reflexão sociológica sobre as cidades, nos colocou diante de descobertas ainda a serem trabalhadas por outros pesquisadores. E as temáticas convidadas a fornecerem um diálogo foram muitas vezes sinalizadas pelas contradições da urbanidade, uma vez que são reconhecidas em seus extremos de caótica ou organizada, dependendo de como estabelecemos a divisão por ruas, bairros etc. Talvez, o mais importante desses cruzamentos foi a busca de aprender a encontrar a permeabilidade do urbano para noções que estão distantes das operações calculistas. Assim, enxergamos uma abertura mesmo tendo a técnica invadido a forma das relações humanas de deambularem pelas ruas a partir do GPS (Sistema de Posicionamento Global), por exemplo. Porém, compreendemos que perder-se é muito mais uma forma de método como também as cidades são feitas de “desejos e medos”.

Então, às vezes, a cultura demonstrada por alguns espaços urbanos, faz pensar na vivência menos dramática das grandes cidades em seus problemas de sobrevivência. Ao mesmo tempo em que esses lugares são os palcos principais dos

matizes identitários subsistentes. Morar em um bairro e fazer parte dos percursos do trabalho ao lazer indica uma rotina. Porém, não anularemos a possibilidade do improvável de alguns des-encontros – o hífen significa uma mecânica de experiências positivas daquilo que não pode ser calculado na rua. E foi nesse sentido que adentramos o mundo criativo de Calvino (2003), tentando estabelecer uma associação das cidades imaginadas com as questões trabalhadas pela sociologia urbana: identidade, consumo, racionalidade etc. Posteriormente, procuramos Benjamin (2011) para dar uma espécie de linha contextual aos percursos analíticos da rua. Ele foi um autor ímpar na escrita meio visceral, rápida e em movimento. Assim, tivemos duas vertentes, embora, saibamos que possuem semelhanças até mesmo de estilo provocativo ao sedimentarem que pela rua-bairro-cidade atingimos o cerne da experiência humana. Essas três dimensões, literalmente, reproduzem quem somos e o que somos na realidade dura e cinza mas também de perplexidades dos entornos de alguns cantos urbanos. É a cidade de pedra que possui vazamentos de água, espelhando uma realidade menos programada por um jogo determinado e com vencedores escolhidos. Portanto, é essa cidade que importa para a possibilidade de uma vivência onde possamos estar e se movimentar no transcorrer das diversidades espaciais e temporais de cada indivíduo<sup>7</sup>.

Portanto, estudar o espaço urbano tem alguns desafios, desde muito cedo, apreendidos pela literatura de Balzac à Baudelaire, dissecando esse ser humano com suas contradições de virtude e de ganância, em que a espacialidade ganha um poder de interações. E apresentados pela ciência social na perspectiva de reconhecimento desse ser social e das marcas deixadas por ele no espaço, em uma inquietação das resoluções dos problemas ligados ao caráter citadino de bem-estar. Afinal, os territórios urbanos estão indo em uma direção de segregação, quando observamos as cidades com intensa desigualdade social. Essa constatação parece peculiar *ad infinitum* e vamos seguindo nesses modelos de conformação espacial sem dar crédito às reivindicações de formas diferentes de pensar o urbano. Logo, a linearidade desse pensamento choca quando avançamos para lugares (Augé, 1994), onde a cidade

---

<sup>7</sup> Evitamos a palavra cidadão porque tem um peso político; preferimos a ideia de indivíduo, contudo, sem a estreita ligação de um ator rigidamente centrado no “Eu”. Aqui tem um sentido de estar ligado à perspectiva de uma parte que pode ou não compor uma coletividade seja ela qual for.

pulsa a partir da demonstração que existe uma variedade de preferências identitárias e elas necessitam ser ancoradas em alguns espaços. São essas contradições escapadas dos muros que eclodem e podem despertar a ideia de uma humanidade. Sem essa convivialidade desmorona qualquer tipo de possibilidade imaginada, porque não saberemos pensar nas privações dos outros. Seria uma espécie de letargia do comum traço de afastamento narcisístico, levando para os trajetos somente o medo e não os desejos de saber existente com outros.

Foi a tentativa de ecoar diferentes imagens de bairros ou mesmo de cidades que recortamos esses dois encontros: a de uma prosa e o de um analista da esfera urbana – Ítalo Calvino e Walter Benjamin, respectivamente, permitindo enxergar para além da obviedade. E para um aprendiz dos códigos urbanos, a espacialidade é a formação prioritária para o entendimento mútuo dos habitantes. São eles que possuem a chave de uma boa convivência no jogo simbólico de apropriação de alguns espaços urbanos. Aqui, afirmamos que uma cidade sitiada por muralhas e excludente só pode entrar em decrepitude, porque ela sobrevive de um caráter comum. Somos urbanos e, portanto, se torna necessário vincularmos determinados territórios dentro dos parâmetros de diferenças interculturais, mas, não na perspectiva desumana da exclusão social. Seria esse modelo de cidade que gostaríamos de catalogar e de fazer escavações em suas bordas e centros, atrelando a capacidade de identificação do humano com seus espaços, onde o “eu expandido” possa ultrapassar para um nós digno de respeito às dimensões material e simbólica dos moradores de uma cidade.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. Porto Alegre: L&PM, 2013. (*Pocket*)
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- BALZAC, Honoré. “À LOUISE, Comme un témoignage d’affectueuse reconnaissance”. In: *Œuvres complètes de H. De Balzac*. X, A. Houssiaux, 1855. Disponível em: [https://fr.wikisource.org/wiki/Facino\\_Cane](https://fr.wikisource.org/wiki/Facino_Cane). Acessado em 17 de março de 2018.

BAUDELAIRE, Charles. *Les Fleurs du Mal*. Paris: Hachette, 1992. (Les Classiques Hachette- texto intégral/1857-1861)

\_\_\_\_\_. “O pintor da vida moderna”. In: *Sobre a modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. *Pequenos Poemas em Prosa [O Spleen de Paris]*. São Paulo, Hedra, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 2011. (Obras Escolhidas II)

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulações*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BECKER, Howard. *Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Biblioteca Folha, 2003. Disponível em: [https://monoskop.org/images/c/c7/Calvino\\_Italo\\_As\\_Cidades\\_Invisiveis.pdf](https://monoskop.org/images/c/c7/Calvino_Italo_As_Cidades_Invisiveis.pdf). Acessado em 10 de janeiro de 2018.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2008.

DAMATTA, Roberto da. *A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da Cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas/SP, Editora da UNICAMP; São Cristóvão/SE, Editora UFS, 2007.

POE, Edgar Allan. *Os melhores contos de Edgar Allan Poe*. São Paulo: Globo, 1999.

SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida do espírito”. in: FORTUNA, Carlos (org). *Cidade, Cultura e Globalização: ensaios de Sociologia*. Oeiras, Celta Editora, 1997.